

Resenha bibliográfica

Baudrillard, Jean. *Esquecer Foucault*. Trad. Cláudio Mesquita e Herbert Daniel. Rio de Janeiro, Rocco, 1984. 99 p.

Aos poucos, os livros mais interessantes de Jean Baudrillard vão chegando ao Brasil, através de excelentes traduções. Já foram editados aqui *O sistema dos objetos* (tese de doutoramento, que teve Roland Barthes como orientador, publicado em 1966), *Partidos comunistas — paraísos artificiais da política*, *À sombra das maiorias silenciosas, o fim do social e o surgimento das massas e América* (uma espécie de “caderno de viagem”, reunindo suas cáusticas observações a respeito dos EUA). Além disso, estão editados em Portugal dois outros de seus livros fundamentais: *A sociedade de consumo* e *Para uma crítica da economia política do signo*. Infelizmente, seu *L'échange symbolique et la mort* (Gallimard, 1976) continua inédito em língua portuguesa. Nascido em Reims (França) em 1929, atualmente Baudrillard é professor de sociologia na Universidade de Nanterre (Paris) e um dos diretores da revista *Traverses*.

Esquecer Foucault (*Oublier Foucault*, Éditions Galilée, 1977), lançado no Brasil há quase três anos, quando o autor veio dar um curso na Universidade Federal do Rio de Janeiro, aparentemente passou em brancas nuvens, pois é pouquíssimo citado, quer nos trabalhos dos que pesquisam na mesma perspectiva metodológica de Michel Foucault, quer nos textos daqueles que criticam a obra do pensador francês, falecido recentemente. É pena, pois Baudrillard, através de Marcel Mauss, Bataille e outros, realiza profunda reflexão sobre o pensamento de Foucault, chegando mesmo, em vários momentos,

a complementar os caminhos esboçados por Marx e Freud — Baudrillard, não nos esqueçamos, foi o tradutor de *Contribuição à crítica da economia política*, de Marx, para o francês.

Impresso em letras enormes e com uma excelente Apresentação do Prof. Muniz Sodré, *Esquecer Foucault* tem uma pequena história de bastidor, revelada por Muniz. Segundo ele, Baudrillard (amigo de Foucault) escreveu um artigo de crítica à sua obra, entregando o trabalho ao crítico e propondo que Foucault escrevesse uma réplica. Assim, ambos publicariam os artigos no mesmo número de determinada revista. Foucault gostou da idéia e disse que tudo bem. Entretanto, o tempo foi passando e ele mantendo-se em silêncio. Baudrillard telefonou ao amigo e ouviu a seguinte resposta: “Decidi não escrever coisa nenhuma, pode publicar sozinho o seu texto.” Quando Baudrillard remeteu o artigo à revista, conforme combinado com o editor, este, constrangido lhe deu a seguinte explicação: Foucault, “intelectual de grande influência na editora, havia brandido o sinete do *non imprimatur*.” Baudrillard reagiu, publicando *Esquecer Foucault* em forma de livro numa outra editora (p. 5-6; grifos do original).

Baudrillard afirma que o próprio movimento do texto de Foucault “traduz admiravelmente aquilo a que se propõe: esta espiral generativa do poder, que não é mais uma arquitetura despótica, mas um encadeamento em abismo, uma voluta e uma estrofe sem origem (nem catástrofe), de extensão cada vez mais vasta e rigorosa; por outro lado, esta fluidez intersticial do poder que impregna todo o sistema poroso do social, do mental e dos corpos, esta modulação infinitesimal das tecnologias do poder (onde relações de força e sedução estão indissolúvelmente misturadas) — tudo isso se lê *diretamente* no discurso de Foucault (que é *também* um discurso de poder): ele *escorre*, penetra e satura todo o espaço que abre, os menores qualificativos vão-se imiscuir nos menores interstícios do sen-

tido, as proposições e os capítulos se enrolam em espiral, uma arte magistral do descentramento permite que se abram novos espaços (espaços de poder, espaços de discurso) que são imediatamente obturados pelo desenvolvimento minucioso da sua escrita. Não há vazios em Foucault, nem fantasmas, nem contracorrentes: uma objetividade fluente, numa escrita não-linear, orbital, sem falhas. O sentido não excede nunca o que é dito: nada de vertigens; em compensação não voa nunca num texto demasiado grande para ele: nada de retórica. Enfim, o discurso de Foucault é um espelho dos poderes que ele descreve” (p. 11-3; grifos do original).

Interpretando Baudrillard, Muniz Sodré afirma que ele “desconfia dos cartesianismos disfarçados, dos excessos lógico-racionalistas.” E acrescenta: “caminha nesse sentido a sua crítica a Foucault, que talvez possa ser resumida assim: é lógico demais para ser verdadeiro. Ou então: enxergar tanto o poder não seria cegar-se numa relação sedutora com o próprio?” (p. 10).

A causticidade de Baudrillard prossegue ao analisar o *poder* (ou seja, ao analisar uma das questões centrais da obra de Foucault), pois afirma que quando se fala demais do poder “é porque ele não está em parte alguma”. Estendendo seu raciocínio, fala da onipresença de Deus: “a fase onde ele estava em toda parte precedeu de perto a da sua morte. Sem dúvida nenhuma a morte de Deus precedeu a fase em que ele estava em toda parte. Idem com o poder: é porque ele é defunto, fantasma, fanteche (...) do qual se fala tanto e tão bem: mesmo o refinamento e microscopia da análise são um efeito de nostalgia”. (92-3). Para Baudrillard, o próprio poder nem sempre se deixa levar pelo poder, “e o segredo dos grandes políticos foi saber que o poder *não existe*. Que ele é apenas um espaço perspectivo de simulação, como o foi o espaço pictórico da Renascença, e que se o poder seduz, é justamente (...) porque é simulacro, porque se metamorfoseia em signos, se inventa baseado em signos (...). O segredo da inexistência do poder, segredo dos grandes políticos, é também o dos grandes banqueiros, de saber que o dinheiro não é nada, que o dinheiro não existe, o dos grandes teólogos e inquisidores, de saber que Deus não

existe, que está morto. Isto lhes dá uma superioridade fabulosa. Quando o poder descobre esse segredo e se lança esse próprio desafio, então se torna verdadeiramente soberano. Quando desiste de fazê-lo e procura encontrar-se uma verdade, uma substância, uma representação (na vontade do povo, etc.), perde então a soberania, e são os outros que lhe devolvem o desafio da sua própria morte, até que ele pereça efetivamente dessa presunção, desse imaginário, dessa superstição de si próprio como substância, desse desconhecimento de si mesmo como vazio, como reversível da morte. Antigamente matavam-se os chefes, assim que eles perdiam esse segredo". (p. 90-2).

Em vários momentos de *Esquecer Foucault* o leitor provavelmente se sentirá perdido, pois Baudrillard, além de escrever num estilo não dos mais diretos, se vale de categorias psicanalíticas e, também, de idéias centrais de Marx, Freud e de vários filósofos, realizando um verdadeiro trabalho interdisciplinar. Apesar das dificuldades de uma série de discordâncias que se podem experimentar ao longo das páginas deste livro, não se pode deixar de constatar a genialidade e erudição de Baudrillard, bem como reconhecer que Foucault se deparou, no caso, com um de seus críticos mais severos e argutos.

Afrânio Mendes Catani

Professor na Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo (USP-SP).

Morgan, Gareth. *Images of organization*. 2. ed. London, Sage Publications, 1986. 423 p.

O velho conto indiano do elefante e dos cegos é bastante ilustrativo da pluridimensionalidade das organizações. O primeiro cego toca no dente do elefante e toma aquilo por uma lança. O segundo tateia o dorso lateral e julga-o ser um muro. O terceiro, por ter sentido a perna, descreve-o como uma árvore. O quarto toca na tromba e inclina-se a pensar que está diante de uma cobra. O quinto cego, tendo priorizado a orelha, toma-o como se fosse um leque. E o sexto, tocando na cauda, afirma ser aquilo mais como uma corda.

A intrigante idéia, conforme o próprio autor levanta, de que as organizações são muitas coisas ao mesmo tempo serviu de base de inspiração para a obra. A premissa de Morgan é de que as "teorias e as explicações da vida organizacional são baseadas em metáforas que nos conduzem a visualizar e entender as organizações de modo parcial". Cada imagem fornece um ângulo de visão das organizações. Assim, foram selecionadas algumas das principais metáforas, sem a pretensão de esgotá-las, para demonstrar um amplo espectro perspectivas, sob o qual as organizações vêm sendo pensadas, vistas e analisadas.

Cada capítulo do livro explora uma metáfora diferente, vale dizer, uma imagem da organização. Este ente complexo é visto como máquina, como organismo, como cérebro, como cultura, como sistema político, como prisão psíquica, como fluxo e transformação e como instrumento de dominação.

O autor se posiciona frontalmente contrário à tendência de fornecimento de técnicas simplistas dadas rapidamente para solucionar os "problemas organizacionais". Acredita que as organizações são entes complexos e ambíguos e o desafio deve ser então localizado na aprendizagem em lidar com a complexidade, ao invés de supor que esta não existe. Morgan opta

por empreender tal desafio através de metáforas, forma que julga ser prioritária no modo como as organizações são entendidas. Nesta perspectiva, lidar com o paradoxo e enfrentar a contradição de um universo organizacional complexo requer o desenvolvimento contínuo da capacidade crítica de análise. Aliás, capacidade esta que deve ser posta "a romper o modo burocrático de pensar" e a estimular a criatividade.

Cada imagem consubstanciada em uma metáfora ganha um capítulo no livro. Assim, a imagem da organização como máquina explora basicamente a ascensão da organização burocrática, o *scientific management* e as formas mecanicistas de pensar e organizar. Ilustram esta metáfora as epígrafes "estabeleça objetivos e metas e vá atrás deles", e "organize de modo racional, eficiente e claro".

A organização como organismo tem o foco de atenção nas correntes que elegem as relações com o meio ambiente e as "necessidades" individuais e organizacionais como categorias prioritárias. A metáfora é ilustrada por exemplos retirados de teorias organizacionais como a escola de relações humanas, o movimento sociotécnico, os sistemas abertos, a teoria da contingência, entre outras.

A organização vista como cérebro concentra o foco de análise em processamento de informação, sistemas de inteligência e exigências de flexibilidade e inovação nas organizações modernas. Já na organização como cultura são explorados os valores, as idéias, as normas, os rituais, as cerimônias, enfim, aqueles traços que "sustentam as organizações enquanto realidades socialmente construídas".

A imagem da organização como uma esfera política aborda questões relacionadas com interesses, conflitos e poder. Morgan dá ênfase nesta metáfora ao enfoque pluralista das organizações. No capítulo seguinte, o autor recorre a uma metáfora mais abstrata, ou seja, a idéia das organizações operarem como prisões psíquicas. Esta imagem tenta revelar como os indivíduos se tornam prisioneiros de processos conscientes e inconscientes, levantando aspectos ideológicos do universo organizacional.

Na metáfora da organização como instrumento de dominação é investigado como a essência da organização revela a imposição de vontade de uma elite sobre os demais grupos sociais.